



A Santa Sé

PEREGRINAÇÃO
DO SANTO PADRE BENTO XVI
À TERRA SANTA
(8-15 DE MAIO DE 2009)

**ENCONTRO COM OS CHEFES RELIGIOSOS MUÇULMANOS,
COM O CORPO DIPLOMÁTICO E
COM OS REITORES DAS UNIVERSIDADES JORDANAS**

DISCURSO DO PAPA BENTO XVI*

*Mesquita al-Hussein bin-Talal - Amã
Sábado, 9 de Maio de 2009*

Alteza Real

Excelências

Ilustres Senhoras e Senhores

É para mim motivo de grande alegria encontrar-me convosco na manhã de hoje neste ambiente maravilhoso. Desejo agradecer ao Príncipe Ghazi Bin Muhammed Bin Talal as suas gentis palavras de boas-vindas. As numerosas iniciativas de Vossa Alteza Real para promover o diálogo e o intercâmbio inter-religioso e intercultural são apreciadas pelos cidadãos do Reino Hachemita e amplamente respeitadas pela comunidade internacional. Estou ao corrente de que tais esforços recebem o apoio activo de outros membros da Família Real, assim como do Governo da nação, e encontram uma vasta ressonância nas numerosas iniciativas de colaboração entre os Jordanos. Por tudo isto, desejo manifestar a minha sincera admiração.

Lugares de culto, como esta maravilhosa mesquita de Al-Hussein Bin Talal, intitulada ao venerado e saudoso Rei, elevam-se como jóias sobre a superfície da terra. Do antigo ao moderno, do suntuoso ao humilde, todos eles remetem ao divino, ao Único Transcendente, ao

Omnipotente. E ao longo dos séculos, estes santuários atraíram homens e mulheres ao interior do seu espaço sagrado para fazer uma pausa, para rezar e para admitir a presença do Todo-Poderoso, assim como para reconhecer que todos nós somos suas criaturas.

Por este motivo, não podemos deixar de estar preocupados com o facto de que hoje, com insistência crescente, alguns consideram que a religião falhe na sua pretensão de ser, por sua própria natureza, edificadora de unidade e de harmonia, uma expressão de comunhão entre as pessoas e com Deus. Com efeito, alguns asseveram que a religião é necessariamente uma causa de divisão no nosso mundo; e por tal razão, afirmam que quanto menos atenção se presta à religião no sector público, melhor é. Sem dúvida, o contraste de tensões e divisões entre os seguidores de diferentes tradições religiosas, infelizmente, não pode ser negado. Todavia, não se verifica porventura também o caso que com frequência a manipulação ideológica da religião, às vezes com finalidades políticas, é o verdadeiro catalizador das tensões e das divisões, e não raro inclusive das violências na sociedade? Diante de tal situação, em que os opositores da religião procuram não simplesmente silenciar a sua voz, mas também substituí-la com a sua própria, a necessidade de que os crentes sejam fiéis aos seus princípios e aos seus credos é sentida de modo mais pungente do que nunca. Muçulmanos e cristãos, precisamente por causa da influência da nossa história conjunta, tão frequentemente assinalada por incompreensões, hoje devem comprometer-se para ser identificados e reconhecidos como adoradores de Deus, fiéis à oração, desejosos de se comportar e de viver em conformidade com as disposições do Omnipotente, misericordiosos e compassivos, coerentes ao darem o testemunho de tudo aquilo que é justo e bom, sempre reconhecidos pela origem e dignidade comuns de cada pessoa humana, que permanece no ápice do desígnio criador de Deus para o mundo e para a história.

A decisão dos educadores jordanos, assim como dos líderes religiosos e civis, para garantir que o semblante público da religião reflecta a sua verdadeira natureza, é digna de louvor. O exemplo de indivíduos e de comunidades, juntamente com a oferta de cursos e de programas, manifestam a contribuição construtiva da religião para os sectores educativo, cultural, social e outros campos caritativos da vossa sociedade civil. Também eu tive a possibilidade de constatar pessoalmente algo deste espírito. Ontem pude entrar em contacto com a célebre obra educativa e de reabilitação no [Centro Nossa Senhora da Paz](#), onde cristãos e muçulmanos estão a transformar as vidas de famílias inteiras, assistindo-as com a finalidade de fazer com que os seus filhos portadores de deficiência possam ocupar o lugar que lhes compete na sociedade. No início da manhã de hoje, benzi a primeira pedra da [Universidade de Madaba](#), onde jovens muçulmanos e cristãos, uns ao lado dos outros, receberão os benefícios de uma educação superior, que os tornará capazes de contribuir de forma válida para o desenvolvimento social e económico da sua nação. De grande mérito são também as numerosas iniciativas de diálogo inter-religioso apoiadas pela Família Real e pela comunidade diplomática, por vezes empreendidas em ligação com o [Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso](#). Elas incluem o trabalho permanente dos Institutos Reais para os Estudos Inter-Religiosos e para o Pensamento Islâmico, a *Amman Message de 2004* e a *Amman Interfaith Message de 2005*, assim como a mais recente Carta

Common Word, que fazia ressoar um tema semelhante àquele por mim tratado na minha primeira Carta Encíclica: o vínculo indestrutível entre o amor de Deus e o amor ao próximo, bem como a contradição fundamental do gesto de recorrer, em nome de Deus, à violência ou à exclusão (cf. *Deus caritas est*, 16).

Claramente, estas iniciativas levam a um maior conhecimento recíproco e promovem um respeito crescente tanto por aquilo que já temos em comum, como pelo que compreendemos de maneira diferente. Por conseguinte, elas deveriam induzir cristãos e muçulmanos a averiguar ainda mais profundamente a relação essencial entre Deus e o seu mundo, de tal forma que em conjunto possamos actuar a fim de que a sociedade se conforme harmoniosamente com a ordem divina. A este propósito, a colaboração realizada aqui na Jordânia constitui um exemplo animador e persuasivo para a região, aliás, para o mundo, da contribuição positiva e criativa que a religião pode e deve oferecer à sociedade civil.

Ilustres amigos, hoje desejo fazer menção de uma tarefa que indiquei em diversas ocasiões e que, creio firmemente, cristãos e muçulmanos podem assumir, de modo particular através do seu contributo para o ensino e bolsas de estudo, assim como para o serviço à sociedade. Tal tarefa constitui o desafio a cultivar para o bem, no contexto da fé e da verdade, a vasta potencialidade da razão humana. Com efeito, os cristãos descrevem Deus, entre outros modos, como Razão criadora, que ordena e orienta o mundo. E Deus dota-nos da capacidade de participar nesta Razão e assim de agir de acordo com o que é bom. Os muçulmanos adoram a Deus, o Criador do Céu e da Terra, que falou à humanidade. E como crentes no único Deus, sabemos que a razão humana constitui em si um dom de Deus, que se eleva ao plano mais alto quando é iluminada pela luz da verdade de Deus. Na realidade, quando a razão humana humildemente se permite ser purificada pela fé, em nada se debilita; pelo contrário, é revigorada para resistir à presunção de ir além dos seus próprios limites. Deste modo, a razão humana é reforçada no compromisso de perseguir a sua nobre finalidade de servir a humanidade, dando expressão às nossas comuns aspirações mais íntimas e ampliando em vez de manipular e limitar o debate público. Portanto, a adesão genuína à religião longe de restringir as nossas mentes alarga os horizontes da compreensão humana. Isto protege a sociedade civil dos excessos de um *ego* ingovernável, que tende a absolutizar o finito e a eclipsar o infinito; faz com que a liberdade seja exercida em sinergia com a verdade, e enriquece a cultura com o conhecimento daquilo que diz respeito tudo o que é verdadeiro, bom e belo.

Uma semelhante compreensão da razão, que impele continuamente a mente humana para além de si mesma na busca do Absoluto, apresenta um desafio: contém um sentido tanto de esperança como de prudência. Em conjunto, cristãos e muçulmanos são levados a procurar tudo aquilo que é justo e recto. Permaneçamos comprometidos em ultrapassar os nossos interesses particulares e em encorajar outros, de forma especial os administradores e os líderes sociais, a fazer o mesmo com a finalidade de saborear a profunda satisfação de servir o bem comum, embora com consequências pessoais. Somos recordados que precisamente porque é a nossa dignidade

humana comum que dá origem aos direitos humanos universais, eles são igualmente válidos para cada homem e cada mulher, sem distinção de grupos religiosos, sociais ou étnicos aos quais pertencem. Sob este aspecto, temos que observar que o direito de liberdade religiosa vai além da questão do culto e inclui o direito – especialmente das minorias – de um acesso equitativo ao mercado de trabalho e outras esferas da vida civil.

Antes de vos deixar nesta manhã, gostaria de sublinhar de modo especial a presença no meio de nós de Sua Beatitude Emmanuel III Delly, Patriarca de Bagdad, a quem saúdo muito calorosamente. A sua presença faz-nos pensar nos cidadãos do vizinho Iraque, muitos dos quais encontraram uma hospitalidade cordial aqui na Jordânia. Os esforços da comunidade internacional para promover a paz e a reconciliação, juntamente com os esforços dos líderes locais, devem continuar em vista de produzir fruto na vida dos iraquianos. Exprimo o meu apreço por todos os que apoiam os esforços destinados a aprofundar a confiança e a reconstruir as instituições e as infra-estruturas essenciais para o bem-estar daquela sociedade. Mais uma vez, peço com insistência aos diplomatas e à comunidade internacional por eles representadas, juntamente com os líderes políticos e religiosos locais, que façam tudo o que for possível para assegurar à antiga comunidade cristã daquela nobre terra o seu direito fundamental a uma coexistência pacífica com os próprios concidadãos.

Distintos amigos, faço votos por que os sentimentos por mim expressos no dia de hoje nos deixem com uma renovada esperança para o futuro. O nosso amor e dever diante do Onnipotente não se manifestam unicamente no culto, mas também no amor e na preocupação pelas crianças e pelos jovens – as vossas famílias – e por todos os cidadãos da Jordânia. É por eles que vos empenhais e são eles que vos estimulam a pôr no âmago das instituições, das leis e das funções da sociedade o bem de cada pessoa humana. Possa a razão, enobrecida e tornada humilde pela grandeza da verdade de Deus, continuar a plasmar as vidas e as instituições desta nação, de tal maneira que as famílias consigam florescer e todos possam viver em paz, contribuindo para a cultura e ao mesmo tempo haurindo da cultura que unifica este grande Reino!

Muito obrigado!

**L'Osservatore Romano. Edição semanal em português n. 20 pp. 6, 7.*

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana